

O HOMEM QUE TINHA DÓ DE DEUS

Dia 2 de setembro último, emplaquei 70 anos, pois nasci em 1924. Como dizem os velhos, tenho boa saúde graças a Deus e ao intenso esporte praticado na infância e adolescência, aliado à condições genéticas. Com exceção do cigarro, não tenho vícios. Sempre gostei de trabalhar, o que é saudável. Todavia, padeço de um grande defeito: faço tudo com pressa. Quando não estou lendo, vendo TV ou conversando, invento qualquer atividade (engraxar os sapatos, amolar as facas da casa, consertar coisas, escrever), que me ocupe as mãos e a mente. Morro de medo que ela fique vagando, sem objetivo, pois acho que o pensamento é um grande inimigo. Não o deixo solto, pois o desgraçado cria coisas e situações, quase sempre desagradáveis. Consegui desenvolver uma espécie de atenção múltipla já que, no momento, estou escrevendo esta crônica e ouvindo as vozes da televisão. Nada me tira do prumo, nada me desvia do meu caminho, exceto uma discussão. Se alguém em casa, na rua, na vizinhança começa a alterar, perco o fio da meada e embolo o meio de campo.

E assim a vida vai passando fácil. Pena que sua velocidade é muito grande, como as das fórmulas Um ou Indy. Os anos caminham terrivelmente rápidos. Quando me sinto

instável, revoltado, vou para a beira do rio pescar. Lá reencontro o equilíbrio. Acho que no meio da mata, vendo a água correr eternamente, respirando ar puro, navegando num barco, a remo ou com a música do motor de popa, tenho oportunidade de encontrar Deus, pelo menos Jesus. Outro dia, pensando na morte, que fatalmente virá, perguntei à minha esposa e grande companheira:

- Será que no céu existe um belo rio?

Espantada, ela não respondeu. Eu mesmo o fiz: se não houver, não faço questão de ir para lá.

Agora que consegui ser setentão, lembrei das palavras de um amigo, gozador como ele só: Rubão, você está no apogeu da decadência. O paradoxo é verdadeiro, pois as limitações impostas pelo tempo, nos tornam frágeis. O corpo está mais ou menos, mas a mente é ótima. Minha memória remota é excelente, mas a próxima é u'a merda. Esqueço nomes, me irritando com a deficiência. Depois de muito esforço, consigo lembrar, mas aí já estou puto da vida.

E por falar em memória, recordo fatos e pessoas do passado, como se tivessem acontecido ou sido ontem mesmo.

Hoje pensei muito num grande advogado e homem que foi amigo de meu Pai e meu também. O Dr. Marinho Rosa, que veio da Bahia, onde foi Juiz de Direito, e morou (e morreu) na

casa onde está a Ciretram. Durante anos foi o Presidente da Sub-Secção local da Ordem dos Advogados. Suas culturas geral e jurídica eram magníficas. Foi meu professor de francês no tempo em que lia Anatole France, Montesquieu, Victor Hugo e outros. Ficava em seu escritório, pois assim não precisa compulsar o dicionário. Enquanto o mestre trabalhava em seus processos, me explicava as palavras desconhecidas, ficando fácil de estudar aquela língua e conhecer a literatura francesa, com um dicionário vivo ao lado. Acabada a leitura, íamos para a piscina do Salim Ferreira (hoje propriedade dos Marconi) onde nadávamos cerca de duas horas. Nunca os dias foram mais felizes.

O Dr. Marinho gostava das pessoas, das crianças, dos moços, dos velhos. Ajudava toda gente. Solteirão, não teve descendência biológica, o que não o impediu de ter dezenas de filhos "adotados", os quais sustentava, orientava e pagava os estudos, inclusive os cursos superiores. Assim, custeou a carreira de advogados, médicos, parentes e amigos. Praticava a caridade e o amor, sem alarde e sem humilhação. Nunca vi ninguém igual. Gostava muito de fumar, mas não comprava cigarros e vivia "filando" de todos que se aproximavam. Depois de muito tempo, descobri porque não mantinha o próprio vício de fumante: seu dinheiro era destinado ao pagamento das taxas das universidades e a manutenção dos "filhos"...

Em nossas conversas, sempre lhe perguntei sobre a existência de Deus, vida futura etc. Dizendo-se ateu, com veemência, negava que o Criador Existisse. Fazia praça de seu materialismo, negando tudo em que eu acreditava. Tal ponto de vista, tal orientação filosófica abalavam minha convicção religiosa e os ensinamentos hauridos na igreja e no seio da família. Hoje percebo que o baiano gostava de fazer troça ou tinha acañamento de acreditar. Na verdade, o Dr. Marinho foi o ateu mais religioso que existiu, pela prática constante do bem, da caridade, do amor ao próximo.

Um dia, com o atrevimento da mocidade, coloquei-o contra a parede, perguntando-lhe:

- Quando o senhor morrer quer ir para o céu ou para o inferno?

Sem titubear, me respondeu, com muito cinismo:

- Quero ir para o inferno.

Fiquei atônito, revoltado e bravo, pois o grande homem estava abalando minha crença, destruindo minha esperança, negando tudo quanto eu havia aprendido. Quase chorando de tristeza, perguntei:

- Por que?

Sua resposta me fez entrar em parafuso mental.

- Se Ele existir, deve estar cercado de velhos decrepitos e doentios, de gente chata, de pessoas feias e sem atrativos, de indivíduos sem a maravilha dos pecados. Em seguida enumerou vários "carolas" (homens e mulheres) da época, que só freqüentavam a igreja, viviam rezando e eram terrivelmente intransigentes e não sabiam perdoar, eram duros e amargos e, a rigor, não tinham bondade no coração.

- Não quero "viver" no meio dessa gente. Aliás, sou o homem que tem dó de Deus, que passa a eternidade ouvindo súplicas, reclamações e lamúrias. Acho que Ele não tem um momento de alegria, tantos são os pedidos que o atormentam.

Evidentemente meu professor e ídolo estava brincando, pelo menos em parte. Hoje o Dr. Marinho deve estar sentado ao lado direito do Chefe Maior, "filando" um cigarro de algum anjo fumante e liberal.